

## Nivalson Miranda: universo de descobertas e apagamento

Ma. Suellen Barbosa Galdino

<http://lattes.cnpq.br/3325937853024136>

[suellenjucy@gmail.com](mailto:suellenjucy@gmail.com)

*Submetido: 03 abr. 2020*

*Publicado: 15 maio 2020*

### Resumo

Compreender o arquivo privado pessoal como um lugar de memória nos possibilita desenhar a trajetória de vida de Nivalson Fernandes de Miranda em relação às funções que exerceu no ambiente em que estava inserido. Portanto, este texto debruça-se sobre o acervo arquivístico do pesquisador e artista plástico Nivalson Miranda, com o objetivo de apresentar a trajetória de vida desse artista, por meio do seu arquivo privado pessoal. Para isso, adotou-se como metodologia a pesquisa qualitativa do tipo documental associada à história oral. A pesquisa feita no acervo do artista e nos escritos sobre ele permite afirmar que o acervo de Nivalson é uma preciosidade para a sociedade, pelo fato de os documentos compreenderem fatos históricos importantes e detalhes do patrimônio histórico do Estado e apresentar, por meio das pesquisas, dos rascunhos e dos desenhos, um período histórico, social e cultural. Percebeu-se a importância do arquivo e a diversidade que apresenta - documentos textuais, iconográficos, cartográficos e tridimensionais, em que são inseridos os seus trabalhos artísticos. Concluiu-se que o acervo de Nivalson possibilita apreciar sua história de vida e explorar o legado artístico que ele deixou.

**Palavras-chave:** Nivalson Miranda. Memória. Arquivo privado pessoal.

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como ponto de partida a dissertação de Mestrado intitulada 'Bico de Pena: escrita de si de Nivalson Miranda', em que tivemos o primeiro contato com a história de vida de Nivalson Miranda, com todo o seu acervo e com seus familiares e amigos.

Quem foi e é Nivalson Fernandes de Miranda? Apresentamos aqui um artista plástico dedicado a diversas artes, inclusive à arte da vida, pois viveu com capricho cada dia de sua existência, e hoje, o seu legado continua vivo para contar quem foi seu produtor. Assim, podemos nos referir a Nivalson Miranda, como alguém que foi e ainda é, um grande homem, pois sua arte está viva e pulsa por novas descobertas, para que ela não seja apagada da história e continue representando o seu produtor e os monumentos históricos que ele amava.

Nivalson Miranda viveu oitenta e seis anos, grande parte dos quais dedicadas às artes e a expressar todo esse amor através de suas pinturas a bico de pena, aquarela e outras técnicas. Exerceu diversos papéis sociais, como os de professor, pesquisador e artista plástico, e deixou um legado<sup>1</sup> artístico, cultural e histórico que constitui seu fundo arquivístico.

---

<sup>1</sup> Por legado, entendemos tudo o que foi deixado por Nivalson Miranda, como obras tangíveis e o conhecimento transmitido.

Para Vogas (2011), os arquivos pessoais nascem a partir de uma acumulação natural de papéis sucedidos de várias atividades e necessidades de um indivíduo e são preservados por inúmeros motivos. O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística define arquivo pessoal como o "conjunto de documentos acumulados por pessoa física" (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 34). Já a Lei de arquivo nº 8.159, considera como "conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades".

Hobbs (2016, p. 318) explica que "existem diversos elos entre documentos da esfera pessoal e da esfera pública da vida e é possível perceber como uma pessoa opera entre o pessoal e o público com preocupações específicas", o que ela nomeia de 'entrecruzamento do pessoal com o profissional'. Logo, é um arquivo privado pessoal, que retrata a vida cotidiana de seu produtor sem separar a rotina profissional da pessoal. É essa interação que notamos no arquivo privado pessoal de Nivalson Miranda.

A história de vida de Nivalson Miranda se confunde com o seu arquivo privado pessoal, porque ele tinha a consciência de preservar suas obras de arte e as pesquisas desenvolvidas com riqueza de detalhes, acumulando documento por documento, sem saber que, um dia, eles narrariam sua história e comporiam o seu arquivo privado pessoal.

Hobbs (2016, p. 327) afirma que, "quando se observa a ordem original num arquivo pessoal, é possível observar se os itens são arquivados de maneira formal ou informal". Nesse aspecto, fica claro que o acervo do artista plástico foi construído dia a dia, sem a intenção formal de criá-lo, mas com o objetivo de preservar as vivências, as pesquisas e tudo o que construiu em cada papel que exerceu na vida pessoal e na profissional. Ele preservou suas memórias que, hoje, são a nossa fonte para descobri-lo.

A compreensão dos arquivos privados pessoais como lugares de memória nos direciona a desenhar a trajetória de vida de Nivalson Miranda em meio aos vários papéis que exerceu. Santos (1999, p. 33) afirma que a formação desse arquivo privado é materializada quando o produtor agrupa "documentos resultantes de conjuntos de atos, em concordância com o seu modo de vida. Ele agrupa os itens documentais, dispondo-os próximos ou distantes, seguindo uma necessidade presumida ou a constância dos acontecimentos". Ou seja, "arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte" (ARTIÉRES, 1998, p. 32).

O acervo de um arquivo é composto de diversos documentos, partindo desde uma tabuleta assíria até provas-objeto de um processo judiciário, oriundos de atividade funcional ou intelectual de instituições ou de pessoas, produzidos no decurso de suas funções (BELLOTTO, 2014).

A forma como o documento é criado determina seu uso e a destinação final, que poder ser para a guarda permanente ou para a eliminação. O que determina a condição de documento de arquivo ou de documento de biblioteca não é o suporte sobre o qual está constituído o documento, mas sua origem e emprego (BELLOTTO, 2014). Nessa mesma direção, Camargo (1998, p. 170) assegura:

Ao contrário do bibliográfico, o documento arquivístico não dispõe de autonomia, nem prescinde da relação que mantém com seu contexto de origem. Para além do suporte, do formato e do conteúdo, passíveis da modalidade de identificação típica da biblioteconomia, importa conhecer o vínculo orgânico entre o documento e a ação que nele se materializa a título de prova ou evidência.

Assim, consideramos o acervo documental de Nivalson Miranda como um documento de arquivo, pois toda documentação acumulada pelo artista tem uma vinculação orgânica com o seu produtor. Os arquivos congregam testemunhos da memória individual ou coletiva transformados em documentos (ASSIS, 2009), assim como o arquivo de Nivalson Miranda, cujo arquivo agrupa o acervo, a vida e a obra de seu produtor de forma única, com suas características singulares.

Portanto, algumas pessoas arquivam seus documentos pessoais, suas fotografias, lembranças e até mesmo pertences de valor sentimental, porque sentem a necessidade de preservar os rastros de suas atividades, com a intenção de lembrar e de ser lembrado. Para Assis (2009, p. 36), "qualquer registro da experiência humana pode ser entendido como um arquivo - das pinturas rupestres pré-históricas aos bancos de dados da atualidade - na medida em que tais registros são conjuntos de testemunhos e informações sobre essa experiência".

Os registros humanos vão além dos fixados em papel ou em meio digital e estão presentes em vários suportes, como as microfilmagens, e em formato tridimensional.

Um objeto é adquirido e guardado, para ser então ressignificado no momento em que se insere no espaço e no tempo da história de vida individual e também do arquivo. Os objetos do arquivo estão impregnados de memória, para além do uso ordinário que tiveram. Eles falam de lugares, de pessoas e da experiência vivida, enfim, tornam-se documentos (ASSIS, 2009, p. 135).

Para Duarte e Farias (2005, p. 54), "não é a forma, o suporte, o tipo nem o conteúdo informativo que singularizam um documento de arquivo, mas, sim, a sua origem, ou seja, o modo como ele foi produzido, em consequência e no decurso da atividade da entidade produtora", como o arquivo de Nivalson Miranda, que nasceu em consequência e no andamento de suas atividades e, por esse motivo, os documentos vão além do suporte papel, pois, como ele um artista plástico, suas obras de arte também fazem parte desse acervo.

Assim, considerando o exposto, a realização desta pesquisa encontra eco nos estudos teóricos sobre arquivos privados e seu objetivo é de apresentar a trajetória de vida de Nivalson Miranda, por meio do seu arquivo privado pessoal. Para tanto, adotamos como metodologia a pesquisa qualitativa do tipo documental associada à história oral. A pesquisa documental é necessária, considerando que utilizamos como base da pesquisa a documentação que compõe o arquivo privado pessoal de Nivalson Miranda, associado à história oral, presente em seus discursos e de amigos.

Assim, entendendo o arquivo como um lugar de memória e considerando a narrativa de vida de um homem dedicado a narrar a história através de sua arte, o que podemos encontrar em seu arquivo privado pessoal? O legado que ele deixou apresenta minúcias de sua vida e nos possibilita conhecer mais sobre ele e o patrimônio histórico da Paraíba. Como o artista não conseguiu repassar o conhecimento que adquiriu com seus estudos e com a vida, seu acervo pode contribuir para que as técnicas e o modo de fazer, em sua essência, permaneçam vivos.

## 2 NIVALSON MIRANDA: o menino jovem e eterno jovem senhor

Nivalson Miranda nasceu na capital paraibana, em 01 de fevereiro de 1927. Era filho do Senhor Antônio Bandeira de Miranda e da Senhora Ana Severina Fernandes de Miranda. A história de Nivalson Miranda é marcada por pontos históricos muito fortes na História do Brasil e da Paraíba. Desde muito novo, passou por situações que exigiram dele e de sua família coragem. Com a idade de três anos e cinco meses, mesmo sem ainda ter tanta noção dos acontecimentos, vivenciou o período da Revolução de 1930, quando o então presidente estadual de João Pessoa foi assassinado pelo advogado João Dantas na 'Confeitaria A Glória', no dia 26 de julho de 1930.

Nesse período, o comando civil do movimento, no Nordeste, ficou a cargo de José Américo de Almeida, e o comando militar, sob a responsabilidade de Juarez Távora. O Partido Republicano Paulista (PRP) escolheu o paulista Júlio Prestes para Presidente da República do Brasil, com adeptos na Paraíba, denominados de 'perrepistas'<sup>2</sup>. Esses partidários eram opositores do Presidente João Pessoa, logo, sua morte foi o estopim para se perseguirem os perrepistas. Como a família Miranda era perrepista, foi obrigada a sair de sua casa com destino à cidade de Recife.

Nivalson Miranda discorreu sobre o fatídico assunto em uma entrevista concedida ao jornalista Henrique França, do 'Jornal O Norte', no dia 05 de agosto de 2006, comentando sobre os detalhes do dia em que toda a família Miranda foi, a contra gosto, levada de seu lar.

[...] de um dos primeiros dias de agosto de 1930 quando um caminhão do Exército da Parahyba estaciona em frente à casa do comerciante Antônio Bandeira de Miranda. Apressados, os soldados fazem subir ao veículo os três filhos, a esposa e a sogra do comerciante, que seriam apanhados logo mais, no 22° BC, onde estava preso. Junto a outras famílias, o grupo viajou durante a madrugada até chegar a Recife, onde foi deixado ao relento. Entre os expatriados estava o menino Nivalson Miranda, de apenas três anos. As crianças iam soltas dentro do caminhão, as mães tentando segurar, chorando. Minha família foi deixada em uma das calçadas da Avenida João de Barro, na Encruzilhada. Ficamos todos ali, escorados em uma parede, debaixo de uma chuva grossa. Aquilo eu não esqueço nunca, relembra o historiador e heraldista. O tiro recebido por Pessoa disparou a caça aos chamados perrepistas. Os presos foram libertados das cadeias com uma condição: que iam ser apontadas as casas dos perrés e eles tinham direito ao saque, ao estupro e à queima de tudo o que tivesse nessa casa. Não sofremos maior violência porque minha mãe era da família Fernandes (FRANÇA, 2006).

Na entrevista ao 'Jornal O Norte', o artista plástico disse que ele e sua família não sofreram uma violência maior porque sua mãe era da família Fernandes e tinha uma irmã casada com o tabelião do cartório da Paraíba. A família de seu pai era de simples comerciantes perrepistas, já a família da mãe era tradicional.

Segundo Ramos (2013), Nivalson Miranda era um menino bastante peralta, atitude de uma criança sadia que se deleita em brincar e fazer travessuras. Ele

---

<sup>2</sup> Referente ao Partido Republicano Paulista ou ao perrepismo. Perrepistas são os indivíduos filiados ou adeptos desse partido ou simpatizantes.

estudou em Recife, na Escola Amauri de Medeiros e no Colégio Padre Azevedo. No retorno à cidade de João Pessoa, com a idade de 12 anos, foi estudar na Escola de Artífice, para aprender a arte de tipografia e da encadernação. Concluiu o curso profissional em 1940.

Nivalson foi um adolescente despreocupado, que vivia transitando pelas ruas dos velhos sobrados de azulejos e nem lhe passava pela cabeça que aquelas velhas residências seriam, no entardecer de sua vida, uma preocupação para ele, tendo em vista seu amor e cuidado pelo patrimônio histórico. Muitas vezes, ele observava de perto o descaso com esse patrimônio de pedra e cal (RAMOS, 2013).

Foi apaixonado pela arte desde a juventude e 'buscava seus pincéis para imortalizar, em azulejos e aquarelas, aquelas centenárias paredes dos casarios, em busca de sua preservação' (RAMOS, 2013, p. 17). O autor ressalta que, possivelmente, a vertente artística de Nivalson Miranda tenha nascido na Escola de Artífice<sup>3</sup> e que, depois de finalizar o Curso de Artífice, ele viveu na cidade de São Paulo por doze anos, onde trabalhou nos jornais 'Última Hora' e 'O Dia'.

Depois desse longo período morando na cidade de São Paulo, Nivalson retornou a João Pessoa, no ano de 1951, foi estudar no Lyceu Paraibano e concluiu, em 1959 e, posteriormente, foi aprovado no vestibular para o Curso de Farmácia e Bioquímica na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde se formou em 1963 (Fotografia 1). Um ano depois de concluir a Graduação em Bioquímica, participou de um Curso de Especialização em Análise Química na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (RAMOS, 2013).

**Fotografia 1:** Formatura de Nivalson Miranda



**Fonte:** Dados da pesquisa - acervo Nivalson Miranda.

Em 1964, depois de concluir o Curso de Especialização em Análise Química, foi aprovado em um concurso público e nomeado professor auxiliar de Bioquímica da Universidade Federal da Paraíba, para lecionar a disciplina 'Física Industrial Farmacêutica', do Centro de Ciências Farmacêuticas. Na UFPB, trabalhou durante 27 anos, sempre conciliando a sala de aula com as pesquisas e a publicação de trabalhos

<sup>3</sup> A Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba foi criada pelo Decreto nº 7.566, de 23/9/1909, pelo então Presidente Nilo Peçanha. Com o passar dos anos, passou por várias mudanças e, atualmente, é denominada de Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

científicos. Em 1993, aposentou-se como professor titular com 66 anos de idade (RAMOS, 2013).

A vida acadêmica de Nivalson Miranda foi marcada por sua participação em cursos intensivos em várias cidades como Minas Gerais, Pernambuco, Paraná e São Paulo. Conquistou certificados expedidos por várias Instituições do país, como, por exemplo, a Faculdade de Farmácia Química de São Paulo, a Universidade de Minas Gerais, a USP - São Paulo, o Instituto Médico-Legal de São Paulo, e o Instituto Butantã de São Paulo.

Em 1973, cursou o Mestrado e defendeu a dissertação sobre 'Dosagem de açúcares redutores totais em melão de cana por fotolorimetria', sob a orientação do Professor Dr. Eugênio Aquarone. Realizou vários outros cursos pela UFPB, nos anos de 1970, 1971 e 1972, assumiu a responsabilidade técnica pelo Laboratório de Análise da Associação dos Servidores Públicos do Estado da Paraíba (ASPEP), no período de 1965 a 1971, e no biênio 1972 e 1973, foi vice-presidente do Conselho Regional de Farmácia, vice-chefe do Departamento Industrial Farmacêutico (RAMOS, 2013).

Foi membro do IHGP, onde ocupou a Cadeira de nº 32, cujo patrono é Ambrósio Fernandes Brandão, e o fundador, Sabiniano Maia. Atualmente, está sendo ocupada por Evaldo Gonçalves. Nivalson Miranda continua fazendo parte do Instituto como sócio efetivo *in memoriam*, devido ao que fez e representou como pesquisador e artista plástico. Também foi sócio efetivo do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH), sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri e sócio da Fundação Fortaleza de Santa Catarina (FFSC).

Devido aos tantos papéis que exerceu, suas atividades são constantes e uma entrelaçada com a outra, uma vez que a vida humana é acontece em paralelo com a outra. Enquanto cursava uma pós-graduação, ele também era eleito membro de um Instituto, pois uma atividade não o impedia de desenvolver outra, ao contrário, os papéis de professor e de pesquisador se complementavam.

Tornou-se mestre na área farmacológica. Contudo, mesmo sem formação superior em artes, para seus admiradores, formou-se doutor em pintar, a bico de pena e com maestria, arquiteturas que outrora foram palco de histórias e que hoje se imortalizaram em seu traço apressado por preservar a memória.

No tocante à vida pessoal, de acordo com Ramos (2013), Nivalson Miranda casou com D. Judith Evangelista, no ano de 1957, com quem teve quatro filhos. Foi um homem que construiu grandes amizades e deixou muitos admiradores de sua arte e do seu conhecimento histórico.

Sua partida repentina deixou um vazio profundo na família e nos amigos, que não esperavam que fosse embora tão cedo, com tantos planos ainda para realizar e tantos traços por fazer. Nivalson foi internado no final do mês de julho de 2013, no Hospital Memorial São Francisco, em João Pessoa, onde sofreu uma parada cardíaca durante a cirurgia e depois. Faleceu no dia 17 de agosto de 2013, em um sábado, e foi cremado, como desejava. Suas cinzas foram depositadas nas águas do mar, perto da Fortaleza de Santa Catarina, situada no município de Cabedelo/PB.

### 3 NIVALSON MIRANDA ARTISTA PLÁSTICO

Como falar do artista plástico Nivalson Miranda, autodidata e conhecedor profundo de várias técnicas, apaixonado por arte e por história desde a tenra idade. Aprendeu a desenhar sozinho, só observando. O próprio Nivalson Miranda, em seu discurso de posse como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

(IHGP), no dia 10 de maio de 1996, autodenomina-se como documentarista iconográfico e afirma ser autodidata<sup>4</sup>: "Defino-me, hoje, como um documentarista iconográfico que, como autodidata, sempre enfoquei a história nos quase 700 trabalhos que registrei, tendo como tema central os monumentos históricos do Brasil, sejam eles uma simples capela ou a mais imponente catedral" (RAMOS, 2013, p. 22).

Nesse discurso, ele discorreu a respeito de o homem ser a história, e não, apenas, a natureza e informou que os temas centrais de seus trabalhos são os monumentos históricos do Brasil.

Eles foram representados em diversas técnicas e suportes, indo desde o bico de pena, aquarelas, xilogravuras, painéis de azulejos. [...] Muitos destes encontram-se em museus, pinacotecas e acervos particulares. Creio que assim me expressei de uma forma simplista, apesar de ter criado uma personalidade artística que, até hoje, busco continuar, enquanto forças tiver, no registro dos nossos monumentos tombados ou não, apenas pelo natural deve resgatar e dar ao futuro o testemunho do nosso passado (RAMOS, 2013, p. 22).

Em suas pesquisas históricas, era amparado pelo fiel amigo Aduino Ramos, que o auxiliara nos estudos prévios sobre os lugares para onde se deslocariam para fazer as pesquisas, através de mapas e de livros, e nos levantamentos documentais. Partindo dos documentos do acervo do artista e de diálogo com seu amigo Aduino Ramos, podemos dizer que, inicialmente, ele coletava informações por meio de documentos e levantamentos bibliográficos; depois, realizava a visitava *in loco* (fotografia 2) com delimitação de área e identificação de ruínas e traçava um croqui para, em seguida, fazer a arte final.

**Fotografia 2:** Nivalson Miranda fazendo um esboço



**Fonte:** Dados da pesquisa - acervo Nivalson Miranda.

O pesquisador Nivalson se dedicava a conhecer tudo sobre os lugares que visitava para retratar com seu bico de pena. "Com o material pesquisado, Nivalson iniciava a elaboração da obra. Juntava as fotos e os rascunhos de bico de pena e transpunha para o papel a sua obra de arte" (RAMOS, 2013, p. 10). Ramos (2013) ainda faz questão de falar que os trabalhos de Nivalson são verdadeiras aulas de História que estão espalhados na capital paraibana, como, por exemplo, a Fortaleza

---

<sup>4</sup> Pessoa que tem a capacidade de aprender algo sem ter um professor ou mestre para lhe ensinar ou ministrar aulas. O próprio indivíduo, com seu esforço, busca e pesquisa o material necessário para aprender.

de Santa Catarina, a Associação dos Plantadores de Cana da Paraíba (ASPLAN), o Centro Cultural São Francisco e as galerias da Prefeitura Municipal.

De acordo com Barbosa (1988), Nivalson Miranda revelou, em entrevista, que seu interesse pela arte do brasonamento começou já na infância, quando observava os desenhos do sabonete eucalol<sup>5</sup> e, através deles, sua imaginação era despertada. O autor acrescenta que Nivalson falava que dava muita atenção aos brasões, especialmente os naussavianos - como eram chamados os brasões criados por Nassau, e prometeu a si mesmo que, um dia, reproduziria tudo o que observava.

Ele conseguiu, realmente, realizar o sonho de menino e criou inúmeros trabalhos de brasonamento - fez mais do que reproduzir brasões, pois criou outros tantos. Como exemplo dos seus trabalhos de brasonamento, podemos citar os produzidos acerca de brasões de famílias, pesquisando a origem de cada sobrenome e desenhando o brasão de cada uma. Além das pesquisas sobre brasões, realizou estudos genealógicos e sobre a formação da sociedade do estado da Paraíba.

Um detalhe interessante sobre os trabalhos de Nivalson são os dados sobre o material e o método utilizado e o tamanho, o peso e a quantidade das peças. Para documentar as descobertas feitas em suas pesquisas, usava diversas formas de arte, a saber:

- **Fotografia** - fotografava o monumento que iria desenhar, para observar, mais à frente, os detalhes que talvez não fossem percebidos naquele momento e fazia um breve rascunho;
- **Bico de pena** - técnica por meio da qual os artistas podem usufruir facilmente do chamado "efeito fino-grosso" do traço, que é usado para dar volume aos desenhos;
- **Azulejaria** - técnica em que se utiliza a pintura na cerâmica, comumente quadrada e de espessura fina;
- **Cerâmica vitrificada** - é uma técnica que vitrifica a cerâmica ainda bruta por meio do cozimento da peça em forno próprio;
- **Aquarela** - técnica de pintura em que os pigmentos ficam suspensos ou dissolvidos em água. Os suportes utilizados na aquarela são: papel de elevada gramatura, papiro, casca de árvore, plástico, couro, tecido, madeira e tela;
- **Xilogravura** - técnica de gravura em que se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado;
- **Madeira e linóleo** - a técnica do linóleo se assemelha ao entalhe da xilogravura, no entanto, no lugar de madeira, a matriz é de material sintético - placas de borracha, chamadas de 'linóleo'. Igualmente à xilogravura, a placa de linóleo recebe a tinta, que fica nas partes em alto relevo, e, sobre pressão, é transferida para o papel;
- **Couro pirografado** - técnica em que se utilizam couro, veludo, cabaças e madeira. Esse trabalho requer muita atenção e técnica, pois o couro ou a madeira, depois de queimada, não pode ser apagada.

Nivalson era profundo conhecedor dos monumentos históricos da Paraíba. Ele mesmo comprova esse conhecimento em um vídeo publicado no canal *Youtube*, em que narra a história de um monumento belíssimo da Paraíba, a fonte de Santo Antônio, localizada na Igreja de São Francisco.

---

<sup>5</sup> Eucalol foi uma empresa de produtos de higiene pessoal brasileira, fundada no Rio de Janeiro pelos irmãos alemães Paulo e Ricardo Stern. As estampas que acompanhavam as embalagens do sabonete Eucalol apresentavam, na frente, desenhos com temas variados e, no verso, um texto explicativo (Cultura e conhecimento: Eucalol - brasilcult).

[...] estamos neste momento, diante da fonte mais bela de todas do Brasil Colônia, fica localizada nas terras da inclinação da igreja de São Francisco. Essa fonte simboliza a riqueza de detalhes do barroco brasileiro colonial, a riqueza de todos esses detalhes é que fazem a visitação, à divulgação, inclusive da própria igreja ser o mais importante monumento histórico akífero de todo o Brasil, justamente são a igreja de São Francisco de Assis, convento de Santo Antônio. Em 1707 foi à data da construção deste momento aqui. Diversos escritores históricos escreveram sobre este momento. [...] ela é emoldurada através de florais, frases feitas em latim. O golfinho simboliza o litoral do Brasil colônia, toda a fauna marinha (FONTE..., 2013).

Nesse vídeo, Nivalson apresenta, com riqueza de detalhes, a Fonte de Santo Antônio, e com pesar no coração, menciona o fato de a fonte estar em degradação. Além de se aventurar como narrador do vídeo, escreveu o catálogo intitulado 'Areia e seu entorno', em que retrata a iconografia do Patrimônio Histórico e Paisagístico da cidade de Areia e de outras 11 cidades circunvizinhas, com 86 desenhos a bico de pena, em preto e branco.

Nivalson escreveu dois poemas: 'Orai por nós' e 'O calvário', que foram publicados no caderno feminino do Jornal O Norte. Participou do curta 'A Ninhada', cuja história foi baseada em um conto de sua autoria, e atuou como narrador da história. Um homem de muitos talentos, dedicado a levar para o outro um pedacinho da história por meio da arte.

#### **4 O ACERVO PRIVADO PESSOAL**

O acervo do professor e pesquisador Nivalson Miranda é bastante diverso, porque se trata de um artista plástico que trabalhava com técnicas variadas. Para isso, utilizava na produção de suas obras diversas matérias-primas e várias técnicas. Nessa perspectiva, evidenciamos que, além de suas obras de arte, o artista produziu outros tipos de documentos no exercício de suas atividades.

Quanto à documentação de Nivalson Miranda, originou-se de suas atividades funcionais, administrativas, profissionais, pessoais e como artista plástico e pesquisador. Para Bellotto (2006), o arquivo pessoal é constituído de documentos produzidos ou recebidos por uma pessoa física e que, preservados até mesmo depois da morte dessa pessoa, formam seu testemunho, como um conjunto orgânico e podem ser abertos para pesquisa. Nesse sentido, a autora define o arquivo pessoal como um

conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possam ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolvem suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos, que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTTO, 2006, p. 266).

Assim é o arquivo pessoal de Nivalson Miranda, um profissional da Academia, que fez ciência, como professor universitário, e história, como cidadão preocupado com o patrimônio histórico. Seu acervo é composto de vários tipos de documentos resultados de sua vida e obra, capaz de produzir conhecimento para a sociedade. É um acervo diverso, que abrange vários gêneros documentais, como: textual, iconográfico, sonoro, cartográfico, informático e tridimensional. Gênero documental é a forma que assume um documento, a depender do sistema de signos utilizados. Já a espécie documental é a configuração assumida por um documento, conforme a disposição e a natureza das informações presentes (BELLOTTO, 2006).

Primeiramente, pontuamos os documentos pessoais, dentre os quais observamos uma quantidade de certificados e diplomas que mostram o quanto se esmerava em tudo o que fazia, buscando estudar, pesquisar e se aperfeiçoar. Ainda em relação ao gênero textual, observamos no acervo a existência de cartões postais, convites, recortes de jornais e marcadores de página.

No gênero iconográfico, destacam-se as fotografias em grande quantidade. As fotografias acumuladas por Nivalson, diferentemente da realidade desta década, não são *selfies*, mas retratos dos lugares, dos passeios, dos monumentos e dos momentos, do vivido e do planejado. Memórias impressas que não podem ser apagadas com um clique ou com o fechar dos olhos. Ele apresenta, em cada centena de fotos, o valor de viver e de sentir os momentos, sem focar na autoimagem ou no que o tempo corrói. Esse vasto acervo de fotografias é das viagens, das pesquisas, dos monumentos arquitetônicos (igrejas, fortes, casas de cultura, prédios históricos etc.), das exposições, de seus trabalhos, de amigos e de familiares. Nas poucas fotografias em que ele aparece, está ao lado de suas peças ou de algum monumento histórico.

Observamos, ainda, os cartões-postais que o fascinavam, alguns recebidos por ele, outros tantos comprados devido às imagens que exibiam, além dos convites das exposições das quais participou, assim como seus *folders* de divulgação, apresentando o currículo de Nivalson Miranda e um pouco sobre as obras expostas. Os documentos sonoros e informáticos localizados no acervo estão sem qualquer identificação externa e necessitam de aparelhos que os leiam, por isso não podemos afirmar do que se trata.

Quanto aos documentos tridimensionais, são as obras do artista e de seus objetos pessoais, como o material utilizado para produzir os quadros. Assim, trazemos um mapeamento do acervo artístico de Nivalson Miranda (Quadro 1).

**Quadro 1:** Obras de cunho artístico, histórico e geográfico de Nivalson Miranda

<b>Título das obras</b>	<b>Técnica e material</b>	<b>Nº de quadros</b>	<b>Localização</b>
Paraíba no IV centenário	Cerâmica vitrificada	100	Dep. Cult. da PMJP
Miniaturas dos bens tombados do Brasil	Bico de pena aquarelado	241	Dep. Cult. da PMJP
Heráldica eclesiástica dos Bispos e Arcebispos paraibanos	Bico de pena aquarelado	12	Dep. Cult. da PMJP
Vistas da Igreja da Guia - Lucena	Bico de pena	4	Dep. Cult. da PMJP
Brasões de famílias paraibanas	Madeira e linóleo	100	IGH/PB
Engenhos, Casa grande e Capelas da várzea do Rio Paraíba	Cerâmica e azulejo vitrificado	41	Museu do centro cultural São Francisco
Frontispícios de Igrejas do	Bico de pena	41	Acervo particular

Brasil colônia – Séculos XV e XVII	aquarelado		
Fortalezas, Fortes e Guaritas dos Séculos XVI e XVII	Azulejo vitrificado	55	Acervo da FFSC
Heráldica do Nordeste Holandês - 1638	Xilogravura	9	Pinacoteca da UFPB
Brasonamento das terras ocupadas pelos Holandeses - 1638	Cerâmica vitrificada	9	IGH/PB

**Fonte:** Galdino (2015).

O quadro apresenta um pouco das obras de arte produzidas por Nivalson Miranda e a localização atual dos trabalhos do artista. Ele participou de inúmeras exposições, das quais podemos elencar:

- Exposição individual no IPGH, 1973;
- Trabalhos selecionados, promovido pela Rede Globo em 1976;
- Amostra de Heráldica Gentílica Brasileira e Heráldica Cívica;
- A Heráldica na Numismática e Filatelia - Funesc, 1979;
- Exposição individual. Iconografia da Paraíba, realizada no IV Centenário da Paraíba, 1985;
- Memória Arquitetural da Paraíba - UFPB, 1987;
- Exposição coletiva sobre Heráldica do Domínio do Brasil Colonial e Heráldica Eclesiástica dos bispos e arcebispos paraibanos - IBGE, São Paulo, 1988;
- Exposição individual dos "Bens Tombados no Brasil" - FUNESC, 1990;
- Primeira Amostra Paraibana de Heráldica Gentílica Brasileira, 1979;
- Arte Documental (Bens Tombados do Brasil) - João Pessoa, 1990;
- Casa Grande - Engenhos e Capelas da Várzea do Rio Paraíba, 1992;
- Várzea do Rio Paraíba (individual) - João Pessoa, 1992;
- Frontispícios de Igrejas e Capelas do Brasil (individual) - João Pessoa 1992 e Portugal;
- Era preciso defender. Cabedelo, 2004;
- Exposição coletiva no IV Festival de Inverno de Ouro Preto, 1971;
- Exposição com trabalhos iconográficos sobre a viagem de Hans Staden pelo Brasil - (Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Alemanha).

O acervo também é composto de uma gama de livros, em que localizamos marcadores de textos e muitas anotações. Outra parte do acervo são os recortes de jornais, cujas matérias tratam das obras e das exposições de Nivalson Miranda. Logo, é visível que ele guardava tudo o que era noticiado sobre suas obras de arte, pois cada nota publicada nos jornais era o reflexo do seu trabalho árduo e do seu amor por cada peça. São esses recortes de jornais preservados por ele que hoje ajudam a narrar sua história.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre arquivos privados e pessoais é extremamente importante e deleitoso, uma vez que nos conduz por caminhos múltiplos e histórias únicas. Em entrevista para a jornalista Cleane Costa do 'Jornal Correio da Paraíba', em 26 de junho de 1991, Nivalson diz:

Minha finalidade - salientou - é transformar meu trabalho num documentário para a história, apesar de não ser um documentarista e nem historiador. Acrescentou que procura interpretar numa determinada época algo que servirá para que as gerações futuras vejam como era o nosso passado e nosso presente (COSTA, 1991).

Nivalson tinha toda a razão, porquanto sua arte tem nos apresentado o passado e nos conduzido para o futuro, pois cada trabalho que ele se esmerou em produzir fala de um ontem que não volta mais, mas que podemos conhecer por meio dele e de sua preocupação em preservar, com detalhes, as informações necessárias para essa compreensão.

Investigar sobre o acervo pessoal de Nivalson Miranda é viajar na história e desbravar um caminho que o mundo não conheceu, pois ficou apenas nos registros do artista e em seus esboços, croquis e rabiscos. Observamos, de forma clara, em cada anotação, um artista plástico preocupado com a autenticidade de sua obra, porquanto apresentava trabalhos com perfeição nos traços e com base teórica e historiográfica.

Para Oliveira (2010), um homem pode ocupar vários espaços e atividades, através dos percursos marcados por seus muitos deslocamentos, o que possibilita a construção de sua trajetória. Assim foi Nivalson Miranda, que vivenciou muitas atividades como professor, pesquisador, artista plástico, documentarista, historiador de ofício e poeta de coração, desenhou sua história de vida e construiu um legado digno de ser apreciado.

Nivalson amava o patrimônio histórico e retratava isso em suas obras e em seus discursos. Percebemos esse amor em seus desenhos e em cada trabalho finalizado, em que imortalizou detalhes do patrimônio histórico de pedra e cal, que, possivelmente, podem ser apagados com o passar do tempo. Construiu, durante incansáveis anos, um legado que narra a história paraibana, da qual fez parte como cidadão, estudioso e um persistente idealizador da cultura e da arte no Estado.

O legado deixado por esse amante da história e da arte é constituído por sua obra, sua trajetória e por seu acervo. Nivalson Miranda era um artista plástico de pesquisa histórica aprofundada, porquanto não desenhava simplesmente por desenhar, mas realizava uma investigação aprofundada para fundamentar cada traço. Diante de tudo, observamos que cada arquivo privado pessoal é único, porque cada um carrega a vida do seu produtor e reflete quem ele foi.

### **Nivalson Miranda:** universe of discoveries and erasures

#### **Abstract**

Understanding the personal private archive as a place of memory enables us to draw Nivalson Fernandes de Miranda's life trajectory in relation to the functions he performed in the environment in which he was inserted. Therefore, this text deals with the archival collection of the researcher and artist Nivalson Miranda, with the purpose of presenting the life trajectory of this artist, through his personal private archive. For this, we adopted as a methodology the qualitative research of documentary type associated with oral history. The research done in the artist's collection and in his writings allows us to affirm that Nivalson's collection is precious to society, because the documents comprise important historical facts and details of the state's historical heritage and present, through research, drafts and drawings, a



DUARTE, Zeny; FARIAS, Lúcio. **O espólio incomensurável de Godofredo Filho**: resgate da memória e estudo arquivístico. Salvador: ICI, 2005.

FONTE Santo Antônio. Produzido por Marco di Aurélio. Roteiro de Nivalson Miranda. João Pessoa: Youtube, jan. 2013. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Sxq98beh5Ts>. Acesso em: 28 jul. 2019.

FRANÇA, Henrique. A revolução de 1930. **O Norte**, João Pessoa, 05 ago. 2006. (Folha Especial, Caderno [n. d.]).

GALDINO, Suellen Barbosa. **Bico de pena**: escrita de si de Nivalson Miranda. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5431/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

HOBBS, Catherine. **Vislumbrando o pessoal**: reconstruindo traços de vida individual. In: Correntes atuais do pensamento arquivístico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

OLIVEIRA, Maria Bernardina Freire de. Memória e arquivos literários: a escrita de si como registro intimista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-10/2-uncategorised/188-gt10-anais-digitais-xi-enancib>. Acesso em: 12 ago. 2019.

RAMOS, Adauto. **Adeus a um amigo**. João Pessoa: Sal da Terra, 2013.

SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos. **Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho**: estudo arquivístico e catálogo informatizado. 1999. 391 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11149>. Acesso em: 14 ago. 2019.

VOGAS, Ellen Cristine Monteiro. **Estratégias e possibilidades dos arquivos pessoais frente aos novos usos dos documentos arquivísticos**: o arquivo Darcy Ribeiro. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Dissertacao\\_Ellen\\_Vogas-corrigida.pdf](http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Dissertacao_Ellen_Vogas-corrigida.pdf). Acesso em: 14 ago. 2019.